

Fundamentos da escrita da história de Afonso de Taunay ou como se escrevia a história nas primeiras décadas do século XX.

Karina Anhezini¹

A escrita da história comporta variadas histórias de seus fundamentos. Na história da historiografia brasileira, a ênfase em alguns temas foi alterada diversas vezes, os períodos privilegiados para estudo também foram modificados e, sobretudo, as concepções que organizaram essas escritas tiveram fundamentos diferentes ao longo do tempo.

Compreender quais os fundamentos de uma escrita da história, portanto, é o objetivo desse texto. Partindo da escrita da história de Afonso de Taunay (1876-1958), o presente texto busca compreender qual história foi possível escrever entre 1911 e 1939, ou seja, com isso busca responder à questão: como se escreveu a história do Brasil nas primeiras décadas do século XX?

A principal ênfase recai sobre a importância do documento para essa perspectiva historiográfica, bem como a relevância dos fundamentos destacados por João Capistrano de Abreu (1853-1927) para a produção da história da “descoberta do Brasil pelos brasileiros”, tema de parte substancial das produções do período.

Como se contou a formação da *Bandeira do Passado*

Na primeira sessão ordinária de 1914, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1894, comemorava vinte anos de *sedimentação de um trabalho diuturno e considerável*² com uma conferência pronunciada por seu orador oficial, Afonso de Escagnolle Taunay.

O caminho escolhido pelo conferencista para contar essa passagem do tempo foi a lembrança dos méritos da instituição por meio da *revivescência* do período inicial para estimular futuros esforços e, de certa maneira, criar laços de continuidade que se constituiriam como uma tradição de estudos.

A partir dos relatórios anuais e dos tomos da *Revista* do Instituto, Afonso de Taunay empreendeu esse esforço de traçar ano a ano as contribuições dos sócios que se destacaram, os temas estudados, os artigos publicados, as contendas resolvidas e aquelas

ainda pendentes, além de apresentar os desafios que a segunda geração carregava sobre os ombros.

Enquanto descrevia de maneira elogiosa os trabalhos de sócios como Teodoro Sampaio, Orville Derby, Antonio de Toledo Piza, Washington Luís, Gentil de Moura, Eugênio Egas, Afonso de Freitas e Benedito Calixto, Taunay apresentava as concepções que, na sua visão, nortearam os estudos desses autores. Dessa maneira, ressaltava que os méritos dessa história associativa estavam alicerçados na *única base real da história, que é o documento desvendado, descoberto, salvo*³ da ruína nos arquivos municipais.

A sua conferência teve início com a *revivescência* da publicação do primeiro tomo da *Revista* que trazia, além dos artigos de Sampaio, Derby e Jaguaribe, documentos inéditos do Regente Feijó. Os inéditos, protagonistas dessa narrativa, publicados durante os *quatro primeiros lustros de vida do Instituto* foram lembrados ao lado dos artigos que resultaram de pesquisas nesses e em outros documentos. Foram ressaltados os *inéditos descobertos em Portugal* por Eduardo Prado e publicados no quarto tomo do periódico, *os inéditos e excertos de frei Gaspar e os novos documentos sobre Iguape, traduzidos, restaurados e comentados*.

Apesar dos vários documentos descobertos por esses estudiosos, a história ainda guardava segredos e foi um desses que o volume da *Revista* de 1903 tentou descobrir:

Enchem o volume os interessantes e eruditos estudos sobre João Ramalho de Teodoro Sampaio, Derby, Piza, João Mendes Júnior, Pereira Guimarães, Horácio de Carvalho Campos Andrade, Gomes Ribeiro, cada qual procurando devassar um pouco da penumbra carregada que rodeia a carreira da curiosa e esfingética figura quinhentista⁴.

Nesse início de século, a penumbra ainda pairava sobre essa figura conhecida a partir da obra de Frei Gaspar da Madre de Deus. No entanto, logo na seqüência da narrativa, Taunay apresenta o responsável por *iluminar* tal personagem que representava no período uma séria disputa historiográfica: Washington Luís (1869-1957), *perito nos segredos da nossa rude paleografia seiscentista e quinhentista*, descobrira *O testamento de João Ramalho*, documento que daria fim a essa grande polêmica.

*O material arrancado ao mistério dos nossos documentos quase ilegíveis*⁵ por Washington Luís foi qualificado por Capistrano de Abreu como *inapreciável*, pois tamanha era a importância das descobertas de documentos inéditos para essa perspectiva da escrita da história que era difícil avaliar a relevância de alguns textos procurados por muitos desses homens de letras que se empenhavam nessa busca cotidianamente.

*Partindo de um documento inédito e reabilitador dos ataques feitos a frei Gaspar, por Candido Mendes, é a frisante prova de quanto está a nossa história inçada de lacunas, que um papel providencial, de um momento para outro, pode preencher*⁶. Ao narrar esse feito que *lança luz onde havia trevas*, Taunay destaca aquilo que acredita ser um dos caminhos do ofício do historiador, ou seja, preencher as lacunas por meio da descoberta de novos documentos.

O texto da conferência, seguindo a seqüência cronológica dos acontecimentos, aproxima-se nessa altura, do momento da entrada do autor nessa confraria, em 1911, e cita os trabalhos de Gentil de Moura, Afonso de Freitas, Eugênio Egas e Benedito Calixto, autores com os quais estabeleceria nos próximos anos um intenso diálogo e, logo após, faz um alerta a respeito do imenso trabalho que ainda havia para ser realizado pela segunda geração: devemos promover o desenvolvimento da biblioteca, da mapoteca, tornar a fundar o gabinete de moedas e medalhas, estabelecer um patrimônio para publicação da *Revista* e promover a reimpressão das obras de historiadores e cronistas, *a começar pela de Pedro Taques, de que desde 1895, se cogita*⁷.

Com a apresentação dos trabalhos desenvolvidos nos primeiros vinte anos do Instituto e, principalmente, dos princípios que nortearam tais estudos, Taunay convocaria os sócios para integrarem o que ele chamou de *bandeira do passado*:

Todos à obra, ilustres e prezados consócios e *cerremos pelo Instituto!* Como se fôramos os soldados de um antigo terço — que realmente somos os membros da bandeira que do Passado procura fazer, em múltiplas, em contínuas *entradas, o descimento* das verdades históricas⁸.

O convite, em tom de manifesto, estava lançado com a clareza da ênfase na importância dos documentos e a prova de que as disputas historiográficas somente seriam resolvidas a partir desse procedimento de descoberta de novas fontes. Para atestar a

importância da descoberta de Washington Luís, episódio apresentado como exemplar, a autoridade de Capistrano de Abreu foi solicitada. Com ênfases distintas, ele representava uma referência singular para os ouvintes da conferência e, especialmente, era o mestre com o qual Taunay gostaria de ser identificado como discípulo.

Os operários da escrita da história

Ao término dessa reunião, os sócios do IHGSP sabiam claramente o que Taunay queria e a maioria compartilhava desses anseios por desvendar mais e mais documentos, preencher as lacunas da história e resolver as disputas historiográficas do momento. Desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro descobrir, reunir e guardar os documentos a respeito do Brasil era objetivo da instituição⁹ e na mesma direção caminhou o seu congênere paulista¹⁰.

Entre as décadas finais do século XIX e os primeiros decênios do século XX grandes esforços pessoais e investimentos públicos se direcionaram para a localização, transcrição e publicação de documentos diversos a respeito do Brasil. A preocupação em compreender a formação do país, definir o que era o Brasil, o que era ser brasileiro, o que era ser paulista, levou a uma preocupação com o passado do país, o que caminhou lado a lado com as definições das maneiras adequadas de se responder a essas questões, ou seja, se os Institutos davam à história o dever de dizer quem somos era preciso saber como se escrever essa história. Nesse sentido, a história do Brasil foi se construindo concomitantemente às definições de seus princípios e procedimentos.

No final do século XIX as diretrizes apontadas por Afonso de Taunay em 1914 já haviam sido apresentadas por aquele que podemos chamar de “mestre de muitos autores das primeiras décadas do século XX”. Em 1878, Capistrano de Abreu, ao avaliar os estudos históricos no texto de elogio após a morte de Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), traçou um diagnóstico que muito influenciou os estudos apresentados por Taunay na conferência apresentada acima.

Capistrano de Abreu apresentou considerações a respeito dos escritos históricos produzidos durante o século XIX e estabeleceu os rumos que a disciplina deveria tomar, ou

seja, delimitou objetivos e desafios para as gerações seguintes. Dessa forma, ele esclareceu aquilo que deveria ser priorizado, tanto os temas quanto a metodologia.

O *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro*¹¹ foi publicado no *Jornal do Commercio* entre 16 e 20 de dezembro de 1878 sendo posteriormente reproduzido em *Apenso à História Geral do Brasil* em sua quarta edição e na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* de 1916; tamanha divulgação tornou esse texto ponto de partida ou passagem obrigatória das análises a respeito de Varnhagen e Capistrano de Abreu ou da produção historiográfica do oitocentos¹².

Nesse texto, ao percorrer a trajetória de Varnhagen, Capistrano vai delineando aos pouquinhos os elementos da profissão, começa pela motivação primeira, a atração pelo desconhecido, a *paixão pelos problemas não solvidos*¹³ que encaminharia o elogiado para o *terreno fugidio das dúvidas e das incertezas por onde caminhava bravo e sereno, destemido bandeirante à busca de mina de ouro da verdade*¹⁴. Essa imagem do bandeirante que busca desbravar a verdade nas minas escondidas da história aparece reiteradas vezes nos textos escritos nas primeiras décadas do século XX.

É importante conhecer as lições que Capistrano dispensava aos escritores com os quais se correspondia, pois poucos escritos escaparam de suas críticas, correções e deboches. Apesar de pedir aos amigos e conhecidos para não torná-lo um mestre, muitos autores das primeiras décadas do século XX definiram-se discípulos de Capistrano. Na verdade, parece que naquelas décadas de 10 e 20 ele era uma referência quase unânime, pelo menos para os pesquisadores de diversas regiões do Brasil vinculados de alguma maneira, ora por meio dos institutos ora por contatos pessoais, ao universo de produção historiográfica de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses autores relataram em diversos escritos suas dívidas para com Capistrano, o grande “orientador” do período.

Mas voltando ao texto em que tratou de Varnhagen, traçando seus primeiros aprendizados e, especialmente, suas inclinações, Capistrano salienta que, no *cultivo da ciência, não era o esmero das observações, a beleza do método e das experiências, a força e o alcance das teorias e generalizações*¹⁵ que mais interessavam a Varnhagen, mas

incitavam-no a aplicação que seus conhecimentos poderiam ter para o país. A apreciação realizada por Capistrano nesse trecho, assim como no restante no texto, trazia as aspirações dele, aquilo que ele acreditava ser mais importante, apresentava nessas páginas o seu projeto de escrever uma história do Brasil com as teorias que nesse momento o encantavam, o método e o rigor das observações estavam ali apontados e por diversas vezes foram salientadas em suas orientações aos principiantes das primeiras décadas do século XX.

Todavia, mesmo sem o alcance das teorias e generalizações havia algo que essa aplicação realizara e que Capistrano não somente admirava, como também empreendera esforços durante grande parte de sua vida. A dedicação de Varnhagen resultou na correção, anotação e descoberta de autoria de obras fundamentais para o conhecimento da história do Brasil. O primeiro trabalho impresso tratava-se da descoberta de autoria do livro de Gabriel Soares de Sousa. Nesse texto, não cuidou apenas de *desvendar* o nome do autor, mas, sobretudo, *corrigiu erros, identificou as espécies biológicas e determinou as posições geográficas*¹⁶, tarefa semelhante àquela que Capistrano empreendeu junto à obra do próprio Varnhagen. Com isso, segundo a avaliação de Capistrano, produziu o *efeito de uma revelação*, abrindo um *mundo novo às investigações de todos aqueles que se ocupavam de nossos anais*¹⁷.

Por mais inovador que se apresentasse tal intento de correção e complementação da obra de Gabriel Soares de Sousa, o trabalho realizado por Varnhagen logo seria superado por novos estudos. Essa era a sina do ofício, a partir da investigação de cartórios e bibliotecas e, da conseqüente descoberta de novos acontecimentos, os escritos perdiam sua atualidade e eram superados pelos posteriores.

No entanto, ainda caberia à Varnhagen um grande contributo nesse caminho do conhecimento histórico narrado por Capistrano. Após se dedicar à sina do historiador *que investiga cartórios, compulsas as bibliotecas dos mosteiros, examina os padrões de outras eras, colhe glossários e tradições, e nas localidades comenta e verifica os dizeres de Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus*¹⁸, ele publicaria sua *História Geral do Brasil* com a

coleta de um número de fatos e documentos maior do que todos aqueles que o precederam. E como indicava a forma de se escrever história no período, a busca interminável levou a uma segunda edição acrescida ainda de novos dados conseguidos a partir de visitas às províncias e explorações de roteiros históricos.

Capistrano reconhece os méritos de Varnhagen, contudo ele próprio, naquele momento, tinha o projeto de escrever uma nova história.

Ele poderia escavar documentos, demonstrar-lhes a autenticidade, solver enigmas, desvendar mistérios, nada deixar que fazer a seus sucessores no terreno dos fatos: compreender, porém, tais fatos em suas origens, em sua ligação com fatos mais amplos e radicais de que dimanam; generalizar as ações e formular-lhes teoria; representá-las como conseqüências e demonstração de duas ou três leis basilares, não conseguiu, nem conseguiu-lo-ia¹⁹.

Os elementos foram encontrados e reunidos pelo Visconde de Porto Seguro, faltava alguém para elevar o edifício, alguém que conhecesse os métodos novos e fizesse uso dos instrumentos poderosos que a ciência disponibilizava. Nesse momento, Capistrano acreditava nesse poder do método, na teoria da evolução e conclamava a vinda de alguém capaz de mostrar a *unidade que ata os três séculos que vivemos* e de arrancar das *entranhas do passado o segredo angustioso do presente* para libertar a história do *empirismo crasso em que tripudiamos*²⁰.

Quatro anos mais tarde publicaria na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro o texto *Sobre o Visconde de Porto Seguro*²¹ no qual já se percebe uma mudança. Enquanto aquele insistia na idéia *por toda parte pululam materiais e operários; não tardará talvez o arquiteto*²², este já afirma que a História do Brasil não será escrita tão cedo. *Agora o que se precisa é de monografias conscienciosas*²³.

Anos mais tarde ele ainda queria compreender o Brasil, mas como ele mesmo afirmou, já havia abandonado Spencer, ou seja, as leis não o encantavam tanto, acreditava que estávamos num momento em que muito havia por ser descoberto para que se pudesse conhecer o Brasil e foi esse Capistrano que escreveu *Capítulos de história colonial*²⁴ publicado em 1905 e que antes, em 1902, disse à Taunay qual história deveria escrever. Esse discípulo dedicou toda a vida à produção da história da “descoberta do Brasil pelos

brasileiros”, publicou em 11 volumes a *História Geral das Bandeiras Paulistas* e tantos outros volumes a respeito da história do Brasil, de São Paulo, das bandeiras.

Foram as monografias, empenhadas em “desbravar os documentos das minas escondidas da verdade” por meio de uma busca incansável por fontes inéditas, tanto no Brasil quanto na Europa e América Latina, que se desenvolveram nessas primeiras décadas do século XX sob a orientação de Capistrano, num primeiro momento e, posteriormente, sob a orientação de seu discípulo Afonso de Taunay que quando eleito imortal da Academia Brasileira de Letras, em 1929, já ocupava as principais posições do cenário intelectual brasileiro.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UNESP, *campus* de Franca, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Teresa Maria Malatian. Bolsista FAPESP.

² TAUNAY, Afonso de Escagnolle. Os quatro primeiros lustros de vida do Instituto. *RIHGSP*, v. 19, 1914, p. 5.

³ *Ibidem*, p. 5.

⁴ *Ibidem*, p. 8.

⁵ *Ibidem*, p. 9.

⁶ *Ibidem*, p. 9.

⁷ *Ibidem*, p. 13.

⁸ TAUNAY, Afonso de Escagnolle. Os quatro primeiros lustros de vida do Instituto. *RIHGSP*, v. 19, 1914, p. 13.

⁹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 5-27, 1988; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “*Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial*”: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). 1994. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

¹⁰ FERREIRA, Antônio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: UNESP, 2002.

¹¹ ABREU, Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. *Ensaios e Estudos (Crítica e História)*. 1ª série, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.

¹² Ver: RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965; CANABRAVA, Alice. Aparentamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. *Revista de História*. São Paulo, USP, 18 (88), out/dez, 1971; WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Ronda noturna: narrativa crítica e verdade em Capistrano de Abreu. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº. 1, p. 28-54, 1988; REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000; AMED, Fernando José. *História ao portador: interlocução privada e deslocamento no exercício da escrita de cartas de João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

¹³ ABREU, op. cit, p. 82.

¹⁴ ABREU, op. cit, p. 83.

¹⁵ ABREU, op. cit, p. 83.

¹⁶ ABREU, op. cit, p. 83.

¹⁷ ABREU, op. cit, p. 84.

¹⁸ ABREU, op. cit, p. 84.

¹⁹ ABREU, op. cit, p. 90.

²⁰ ABREU, op. cit, p. 91.

²¹ ABREU, Capistrano de. Sobre o Visconde de Porto Seguro. *Ensaios e Estudos (Crítica e História)*. 1ª série, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.

²² ABREU, Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. *Ensaios e Estudos (Crítica e História)*. 1ª série, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975, p. 91.

²³ ABREU, Capistrano de. Sobre o Visconde de Porto Seguro. *Ensaios e Estudos (Crítica e História)*. 1ª série, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975, p. 139.

²⁴ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.